

Joanna Bolouri

MINHA SEXLIST



Um ano. Uma mulher solteira.
Dez desafios muito indecentes.



Tradução de Débora Chaves

FÁBRICA231

Sábado, 1^a de janeiro

Levantei-me da cama há cerca de uma hora me sentindo Nosferatu, minha boca com gosto de piso de estrebaria. Como o minibar está zerado, e não consigo achar um copo em todo o quarto, fui forçada a beber água direto da torneira do banheiro. Merda, estou tão de ressaca que minha cara parece ser de outra pessoa. Lucy ainda está dormindo na outra cama e me recuso a colocar uma roupa e me aventurar lá fora, onde existem pessoas com olhos cheios de julgamento.

Pelo menos a ressaca valeu a pena, porque a festa de ontem foi incrível! Todo ano nós ficamos no hotel Sapphire (preço exorbitante, badalado e enfiado no meio do centro da cidade) para virar o Ano-novo, e toda vez me surpreendo por eles ainda não nos proibirem de entrar aqui. Os outros já tinham feito check-in quando Lucy e eu chegamos, às três e meia. Pegamos o elevador para o nosso andar, arrastando nossas malas desnecessariamente grandes atrás de nós enquanto procurávamos o quarto 413. Trabalho com Lucy há dois anos e ela nunca chega na hora certa para nada.

— Aposto que os outros já estão bêbados e trepando — disse Lucy. — Aposto que estão afogados em Moët e vestindo as calcinhas e cuecas uns dos outros.

Finalmente encontramos nosso quarto, e tentei enfiar o cartão magnético na maçaneta.

— Jesus, você só pensa nisso? E, sinceramente, só estamos meia hora atrasadas. É bem provável que Hazel esteja tentando descobrir os preços do minibar, Kevin deve estar pronto para um chope e Oliver provavelmente...

— Deve estar levando aquela espanhola à loucura — interrompeu Lucy. — Qual é o nome dela mesmo?

— Pedra. Eu só a vi uma vez e a chamei de Pedro, sem querer.

Ela jogou o casaco na cama perto da janela e ligou a TV, enquanto comecei a tirar as coisas da mala, imaginando por que diabos eu trouxe quatro pares de sapatos.

— Vai usar o vestido verde? — perguntei, olhando para o pretinho básico que eu tinha trazido.

— Vou, apesar de ficar parecendo uma dançarina de sapateado irlandês com este meu cabelo ruivo.

Deixei-a com sua dancinha meio irlandesa e fui tomar um banho, empolgada com a nossa noite, e pensando na festa do ano passado: Lucy ficou tão bêbada que dormiu no elevador, e Oliver se escondeu atrás da porta do quarto e me deu um susto tão grande que fiz xixi na calça.

Meu fluxo de pensamento foi interrompido pela batida na porta e pelo sotaque familiar de Dublin:

— Phoebe, estou entrando. Esconda o pinto.

Agarrei a toalha e me enrolei nela no exato momento em que Oliver apareceu por detrás da porta.

— Puta merda, Oliver! — gritei histérica, me afastando dele. — Me dá um pouco de privacidade! Vai espiar os peitos da Pedro.

— É Pedra, e não estou aqui para ver seus peitos, por mais impressionantes que eles sejam. Estou aqui para dizer que o jantar é às sete horas, e ia falar outra coisa, mas a dança irlandesa da Lucy me distraiu e me deu saudade dos malucos de cabelo vermelho.

— Tudo bem, vejo você quando estiver vestida. Sai daqui e vai encher o saco de outra pessoa.

Uma hora e duas taças de vinho depois, Lucy e eu ainda estávamos nos arrumando. O plano, todo ano, é tentar

ficar mais ou menos sóbria até meia-noite, mas geralmente estávamos todos muito bêbados na virada do Ano-novo e tomávamos todas até cair. Eu sabia que este ano não seria diferente.

— Pelo menos você não está com Alex — disse Lucy, ajeitando a meia-calça. — Ano passado, aquele cara encheu o saco de todo mundo e falou sem parar daquele trabalho de merda. Ele é um fisioterapeuta, não um mágico fodão.

— Eu sei.

— Quero dizer, ele estava dormindo com a chefe todo aquele tempo e ainda teve a cara de pau de mencioná-la na conversa...

— Chega! — gritei. — Não acabe com a minha alegria falando daquele idiota. É passado. Eu só preciso focar em arranjar alguém que não seja um completo babaca.

— Não seja muito exigente. — Lucy riu. — Além do mais, não é de um namorado que você precisa, Phoebe, é de uma transa! Sexo faz tudo ficar melhor.

— Minha vida sexual vai bem, muito obrigada. O que eu preciso é de outra bebida.

Encontramos Hazel e Kevin no bar, antes do jantar. Eles já tinham entornado meia garrafa de champanhe e Hazel me pegou inspecionando a garrafa.

— Não temos filho hoje para tomar conta. Pretendo ficar totalmente bêbada.

— Ei, não estou criticando. Comemoro o fato de não ter filhos toda noite — respondi.

Hazel estava deslumbrante em seu vestido rosa-claro. Seu cabelo louro estava preso num rabo de cavalo no topo da cabeça e enfeitado com pequenas pedrinhas brilhantes. Kevin, seu marido, usava um kilt e estava muito gato. Eles

sempre pareciam tão naturalmente bem-arrumados que me senti horrível naquele vestido preto transpassado, de saltos altos vermelhos e com o mesmo corte de cabelo desde 1995.

— Oliver e Pedra ainda não desceram?

— Considerando o jeito que aqueles dois estavam se agarrando na recepção, eu ficaria surpreso se saíssem do quarto. — Kevin riu e fez uma pausa, obviamente tentando imaginar a cena.

Um garçom meio confuso nos acompanhou até o salão principal, onde sentamos ao redor de mesas lindamente decoradas, com toalhas de linho branco e centros de mesa verdes e vermelhos. Devia ter cerca de cem convidados vestindo roupas de tartã e o clima estava animado. Havia a mesa dos *hipsters* usando chapéus estilosos, prontos para postar no Instagram fotos de seus pratos assim que eles chegassem; a mesa de sempre, dos playboys já bêbados antes mesmo de a comida chegar; e aquela com o casal de meia-idade que não sabe muito bem como agir num lugar desses. A comida no cardápio era tradicional da Escócia: torta de carne, *haggis* e algum tipo de prato especial com tofu para os vegetarianos.

— Esses talheres são imensos — disse Lucy, segurando uma colher de prata perto do rosto. — Adoraria tê-los na minha casa.

— Leve para você, então — falei brincando, mas percebi o olhar em seu rosto. — Ei, clepto! *Não é* para roubar os talheres. Eles fizeram você pagar pelo roupano ano passado, lembra?

— Sim, mas eles não relacionam talheres a números de quartos. Aquele foi um erro de principiante.

Dez minutos depois, Oliver apareceu com seu ar superior e um sorriso malicioso, seguido por Pedra, uma mu-

lher tão linda que me dava vontade de dar um soco na cara dela e outro na minha.

— Finalmente! Vocês se perderam? — perguntei, sabendo muito bem que não era o caso.

— Não — Pedra respondeu, muito séria.

— Estou morrendo de fome — Oliver anunciou, no mesmo instante em que roubava o pãozinho no qual Lucy passava manteiga. — Quando vamos comer?

— É melhor você me dar algum carboidrato em cinco segundos, Webb, ou não me responsabilizo por meus atos — ela grunhiu.

— Você nunca se responsabiliza. — Oliver sorriu maliciosamente, colocando outro pãozinho no prato dela. — Um brinde, por favor. — Ele levantou sua taça e todo mundo o acompanhou. — Para meus bons amigos: Hazel e Kevin, que acabaram com a minha teoria de que todos os casamentos são uma merda; Lucy, o tipo de mulher de que minha mãe tentou me proteger; Phoebe, minha amiga mais antiga e mais engraçada; e, finalmente, à minha adorável namorada, Pedra, a quem eu já me desculpo, isso aqui vai ficar uma bagunça... Ah, e sem esquecer os novos amigos que vamos fazer esta noite e logo deixar pra lá, porque somos seres humanos horríveis. Vamos nessa, porra!

Comemos, rimos, dançamos, e por volta de meia-noite meus sapatos estavam jogados debaixo de uma mesa. Eu tinha saído para fumar uns dezessete mil cigarros e estava prestes a sentir aquela melancolia de Ano-novo tipo “Vou ficar sozinha para sempre” quando começaram a tocar músicas lentas. Ainda bem que Hazel percebeu o meu estado e conseguiu me tirar da beira do abismo.

— Pensando no Alex?

- É. Acho que ainda sinto saudade dele.
- Não, você sente saudade da ideia que tinha dele. Do homem que você achava que ele era.
- Do homem que eu esperava que ele fosse.
- Exatamente!
- Ele era sedutor no começo.
- Ted Bundy também era — ela ironizou.
- Sempre achei que Bundy seria um bom nome para um cachorro.
- Foco, Phoebe.
- Ah, sabe, talvez eu também não tenha me esforçado tanto. Ele era muito apaixonado e carinhoso em alguns momentos. Talvez eu...
- Talvez nada, Phoebe, não dá para saber, mas você não saiu por aí transando com todo mundo e ele saiu! Alex estava te traindo há quatro meses. Foram quatro meses de mentiras para você e para a amante dele! Essa não é uma característica que valha a pena em homem nenhum.
- Virei minha tequila de uma vez só.
- Por que eu sempre me sinto atraída por babacas? Nunca vou conhecer ninguém legal.
- Você vai conhecer alguém diferente. Talvez deva procurar alguém que não seja do seu tipo.
- Uma mulher?
- Não. Quero dizer alguém que você jamais consideraria, mas, o mais importante, alguém que mereça você.
- SIM! — gritei, assustando um homem próximo que usava um kilt meio torto. — Este ano eu vou encontrar alguém. Alguém diferente. Alguém incrível!
- Você pode fazer o que quiser. Este vai ser o seu ano, garota. Vá viver sua vida. Agora venha dançar antes que todo mundo se transforme em abóbora.

Então, aqui estou eu, no primeiro dia do meu ano novinho em folha e tudo o que tenho para mostrar até agora é uma resaca, uma espinha nova no queixo e uma bolsa cheia de talheres que Lucy roubou. Vou voltar para a cama.

Domingo, 2 de janeiro

Hoje decidi refletir sobre minhas promessas de Ano-novo e me tornar instantaneamente uma pessoa melhor e mais útil. Mas, em vez da mesma coisa de sempre — perder peso, ganhar dinheiro, parar de seguir todo mundo no Twitter que use acrônimos estúpidos na conversa —, decidi me perguntar: se eu pudesse reviver o ano passado, o que faria diferente? Todo ano eu faço as mesmas promessas idiotas, nada muda de verdade, e acabo pensando por que me dei ao trabalho. Então, este ano a ideia é escolher uma coisa só, realmente levantar minha bunda da cadeira e correr atrás. A questão é: o quê? Não paro de pensar no que deu errado com Alex, mas quanto mais penso nisso, mais vejo que, desde o início, namorá-lo nunca foi a coisa certa, mesmo antes de ele desaparecer com a Senhorita Peitão. (Eu devia realmente agir como adulta e chamá-la de Susan, mas isso não reflete exatamente meu nível de desprezo.) Na noite em que nos conhecemos, eu estava tão grata por aquele homem alto e bonito ter se interessado por mim que paguei todas as rodadas de bebidas e enfiei o número do meu telefone na mão dele na hora de ir embora. Não tive notícias dele até duas angustiantes semanas depois. Agora, percebo que até aquilo foi revelador. Ele me manteve a uma distância segura durante todo o nosso namoro, de vez em quando me puxando para que eu pudesse ter ideia da pessoa divertida e sensível que ele podia ser, mas só quando ele estava a fim. Enquanto eu sonhava em ficar loucamente apaixonada, no final das contas só consegui

ser enganada em alguns momentos. Aquele babaca tem PhD em manipulação, e juro que se você procurar por “filho da puta” no dicionário, vai encontrar uma foto dele segurando meu coração, quem sabe junto da minha cabeça cortada, olhando com ar vitorioso e fazendo uma dancinha. Eu nunca poderia corresponder às expectativas dele... Eu não era tão educada, nem tão elegante e muito menos tão capaz de impressioná-lo. Eu simplesmente não era suficiente. Gastei quatro anos da minha vida com alguém que não tinha o menor interesse em estar comigo. Isso é o que mais dói. Que perda de tempo.

Gastei mais de quinhentas libras em terapia no ano passado, com uma terapeuta americana de quarenta e poucos anos, chamada Pam Potter, cujo nome a deixa com cara de anão de jardim, mas que felizmente me ouve xingar e choramingar em troca de cinquenta libras a hora (ela cobrava um pouco mais barato que os psicólogos com nomes de verdade), e, em seguida, diz: “Estou escutando o que você está dizendo, Phoebe.” O fato de ela ter dois ouvidos à disposição me leva a acreditar na sua sinceridade, mas não significa que realmente ajude. No entanto, a terapia de fato me foi útil para chegar às seguintes conclusões: a) Ainda estou muito mal com toda essa história com o Alex, e b) Apesar de eu não ser completamente isenta de culpa em nosso relacionamento, eu merecia mesmo coisa melhor. Não, eu mereço coisa melhor. Este ano eu tenho que tirar Alex da cabeça de uma vez por todas.

Segunda-feira, 3 de janeiro

Fazer um diário foi ideia de Pam Potter. Aparentemente, essa coisa toda de “escrever sobre meus sentimentos” deveria ser terapêutica, mas simplesmente me faz sentir meio estranha.

Eu não escrevia num diário desde que era uma adolescente solitária de 15 anos, que usava um brincão e monoce-lha. Naquela época, meu diário ficava escondido embaixo do colchão e tinha treze mil palavrões diferentes para descrever meus pais, junto com um pouco de poesia cheia de angústia sobre um garoto da minha turma que nunca falava e usava delineador. Como se vê, ainda gosto de caras que usam delineador, mas sinto menos vontade de xingar meus pais hoje em dia, a não ser quando eles me mandam de Natal aqueles chocolates orgânicos que odeio.

Apesar de ser feriado, tive a primeira sessão mensal do ano com Pam esta noite. Ela pintou o cabelo de castanho durante o Natal e ficou parecendo demais a Tina Fey.

— Como foi o Ano-novo para você? Em nossa última sessão você mencionou que ainda estava sofrendo com sua separação. Isso mudou?

— Não, nada mudou. Tenho a sensação de que a única coisa que faço é pensar nele... ou me lamentar por causa dele... ou apenas sentir falta dele. Mas, ultimamente, acho que tenho visto as coisas com mais clareza.

— De que maneira?

— Eu me atirei de cabeça naquele relacionamento. Sou a primeira a admitir que estava me sentindo sozinha e, quando ele demonstrou interesse por mim, eu me pendurei nele. Acho que eu estava carente, mas ele era pior; era preguiçoso. Ele era preguiçoso demais para terminar o namoro, então, em vez disso, continuou me mantendo ali, até que alguém melhor pudesse me substituir. Ele nem se preocupou em manter o caso em segredo. Eu lembro quando peguei os dois na nossa cama. NA NOSSA CAMA, MERDA!

Pam apenas balançou a cabeça, mas tenho certeza de que, se ela não estivesse sendo paga para ter que ouvir a mes-

ma história pela milionésima vez, já teria me chutado, feliz, janela do consultório afora.

Eu podia sentir meu corpo tremer conforme visualizava o momento em que flagrei Alex. Eu tinha chegado em casa mais cedo por causa de um show cancelado em cima da hora. Entrei e joguei o casaco no sofá, e o vi cair em cima de um sutiã que não era meu. A peça era rosa-choque e tinha o bojo pelo menos três vezes maior que o meu. Os gemidos vindos do quarto responderam a pergunta que eu sequer tive tempo de me fazer.

— Entrei no quarto e fiquei lá parada feito uma idiota. Não consegui nem falar. Ele simplesmente deu de ombros e disse: “Isso ia acabar acontecendo. Você sabe que as coisas não estavam bem entre nós.” Fiquei na casa da Hazel até encontrar um lugar para mim. Ela tem sido muito compreensiva. Como todos os meus amigos.

— Ótimo. Isso é importante. Mas já faz quase um ano, Phoebe. Você acha que pode seguir em frente a partir de agora? Você tem demonstrado desejo de fazer isso em várias ocasiões.

— Tenho pensado nas promessas de Ano-novo. Preciso mudar meu jeito de pensar, senão vou ficar presa nesse ciclo para sempre. Eu *vou* mudar. Só não sei como, ainda.

Depois da minha sessão com Pam, liguei para Oliver, para lhe contar os meus planos. Eu quase podia ver sua cara de impaciência ao me ouvir.

— Você não precisa fazer uma lista de promessas idiotas que nunca vai cumprir, Phoebe. Lembra que você ia começar a correr no ano passado?

— Eu comecei a correr. É claro que eu corri. E, de qualquer forma, quero fazer só uma promessa este ano, uma que seja importante.

— Você correu uma vez em volta do parque e depois vomitou na cerca viva, Phoebe. Essa não conta. Você precisa parar de ficar tão tensa planejando as coisas. Você não era assim. Você era divertida e despreocupada! Nós ficávamos bêbados e você me contava todos os seus segredos e dançávamos ao som de música pop de merda às 5 da manhã. Agora, você é tipo uma antiPhoebe.

Muito boa a ajuda dos meus amigos.

— Fiquei meio perdida — respondi, baixinho. — Você sabe que custei um pouco a voltar ao normal depois que me separei do Alex.

— Sei disso, mas acho que está na hora de você começar a sair dessa. E de transar. Você precisa reencontrar seu jeito de ser.

— Cara, você fala exatamente como a Lucy. Vocês dois são obcecados.

— Você parece reprimida.

— Preciso ir agora. Guarde seu conselho sexual para Pedro. Tenho que pensar nos meus planos. Falamos depois.

Sigo o conselho dele e acabo me ferrando. Ele não sabe de nada.

Terça-feira, 4 de janeiro

Voltei ao trabalho hoje, depois do feriado de Ano-novo, e imediatamente tive vontade de tacar fogo em mim mesma. Há três anos trabalho neste jornal e só me diverti durante umas três semanas. Depois de fugir correndo da escola aos 17 anos, vender anúncios foi basicamente o único trabalho para o qual minha suposta personalidade vencedora importou mais que minhas qualificações. Aconteceu da mesma forma quando passei raspando com C em inglês e me diplomei em falsificação, depois de fraudar a assinatura da minha mãe ao longo de todo o último ano de colégio, escrevendo bilhetes para avisar que eu

estava doente. Fiquei surpresa por eles não terem feito algum tipo de corrida maluca para arrecadar dinheiro e ajudar na minha recuperação. O problema com o meu trabalho é que, em tese, preciso ser simpática com as pessoas — até mesmo sedutora, além de demonstrar interesse pelo que elas têm a dizer e fazer com que confiem em mim, ou melhor... que ME AMEM a ponto de batizarem sua primeira filha com o meu nome e deserdar a criança porque me amam mais que tudo. O problema é que, na realidade, sou péssima em papo furado, odeio fazer isso e, se a pessoa não quiser comprar espaço publicitário, eu não ligo. Para ser sincera, não estou nem aí. Essa última frase resume perfeitamente meu sentimento em relação ao trabalho: não estou nem aí. Mas eu me esforço ao máximo para ter jogo de cintura e vender minha alma todos os dias porque preciso pagar o aluguel. Compartilhamos o escritório com dez outras empresas, a maioria do setor financeiro, e quase sempre tenho que dividir o elevador com escrotos que usam gravatas ridículas e conversam sobre números e golfe.

O lado bom é a localização magnífica: uma caminhada de uns dois minutos a pé da estação de trem e em cima de um pub e de uma lanchonete onde podem me encontrar quase todas as manhãs comprando café e torradas. O andar da área de vendas é quase todo sem divisórias e minha mesa infelizmente fica de frente para a sala de Frank, o meu chefe, o que dá a ele uma visão completa do que estou fazendo o dia inteiro (o que geralmente é nada). A maioria dos meus colegas de trabalho tem fotos de suas famílias em suas mesas, mas a “bagunça e desarrumação que chamo de mesa de trabalho” (palavras de Frank) é decorada com a foto de um gato com uma melancia na cabeça escondida atrás de copos vazios de café e cartelas de aspirinas. A tradicional reunião matinal de hoje foi praticamente indolor. Muita motivação por parte

do referido chefe, que é o fanfarrão mais ridículo da face da Terra, a quem ninguém deu a menor atenção. Depois, coloquei em dia os quatrocentos e-mails que chegaram durante o Natal, totalmente ignorados pela equipe de plantão. Lucy chegou atrasada, como sempre, com a boca cheia de bagel e dando goles no café em sua garrafa térmica brilhosa.

— Tudo bem com você, meu amor? — ela gritou. — Recuperada?

— Sim, estou bem. Quer sair para jantar hoje? Sushi?

— Não posso. Já tenho outro compromisso.

— Carinha novo?

— Carinha velho. Aquele com quem eu saí ano passado, o do cachorro barulhento que eu odiava.

— Você disse que nunca mais ia namorar alguém que tivesse cachorro. O que mudou?

— O cachorro dele morreu.

Tenho 97% de certeza de que Lucy não teve nada a ver com a morte do cachorro. Lucy, como Oliver, é uma namorada em série. Quando comecei no *The Post*, ela estava namorando dois caras ao mesmo tempo e isso era totalmente aceitável para ela. Ela parece o flautista de Hamelin para os homens, eles vão atrás dela seja lá aonde ela for, mas Lucy não tem nenhuma vontade de se prender tão cedo.

— Sair com os caras é a parte mais divertida. Depois que você começa toda aquela bobagem de morar junto, a coisa fica chata, por isso eu prefiro manter do jeito simples. Adoro a parte de “se conhecer”.

Eu, por outro lado, nunca fui muito boa em sair com alguém e a parte de “se conhecer” me deixa apavorada. Saí só umas cinco vezes na vida e sempre terminei em algum tipo de relacionamento. Teve o Chris — meu primeiro namorado na escola, que durou exatamente seis meses, até ele ir para a uni-

versidade, em Manchester; Adam e seu pênis incrivelmente grande, que namorei por cinco meses antes de ele decidir que era melhor sumir e se alistar na Força Aérea do que ficar preso em Glasgow comigo; Joseph, que durou apenas três meses por causa dos problemas dele com intimidade e por ser ruim de cama; James, com quem namorei por um ano e que era muito chato, e tinha uma aversão bizarra a feijões cozidos; e por fim o Alex, que acabou se mostrando o maior erro da minha vida. Apesar de ter quase um ano que terminamos, a ideia de ter que encontrar alguém novo continua a me assustar, e não estou a fim de ir atrás de qualquer pessoa tão cedo.

Quinta-feira, 6 de janeiro

Pensei em Alex o dia todo, mas também pensei nela, com seus cachos sedosos e seus peitos empinados, firmes no sutiã rosa gigantesco. Imagino que nunca seja fácil descobrir que você foi traída, mas quando se flagra de verdade os dois trepando na sua cama é uma imagem difícil de apagar. Nunca consegui entender o que ele viu nela e, como sempre, Lucy estava disponível para oferecer uma explicação:

— Vou lhe dizer o que ele viu nela! — ela berrou ao telefone. — Ele viu a porra da mãe. É o complexo de Édipo. O pai dele já morreu, não é mesmo? Isso explica tudo.

— O pai dele está bem vivo, mas ótima teoria. Enfim, como foi seu encontro sem o cachorro?

— Péssimo. Ele falou do cachorro, me mostrou fotos do cachorro e está pensando em ter hamsters, pois está se sentindo muito sozinho. Quem ele pensa que é? Uma garotinha de 8 anos? Vou me ferrar se ficar namorando um cara adulto que cuida de roedores. Bom, preciso correr, mas, por

favor, tenta não ficar remoendo demais sobre o Alex. Você vai ficar doida.

Três horas se passaram e ainda estou remoendo. Tenho muitas perguntas sem resposta e sei que nunca serão respondidas. Mesmo se eu tivesse questionado Alex, duvido que me sentisse satisfeita ou mesmo que acreditasse numa palavra dele. Ainda gosto dele — isso está claro. Só não sei se é amor ou uma necessidade de encerrar de vez essa história. Acho que Oliver está errado. Eu não deveria estar tentando encontrar a “Phoebe de antes”. Nem eu reconheço mais o meu antigo eu. Talvez Oliver ainda me veja como a garota de 17 anos que fumava maconha em seu quarto e vivia enfiada em boates com ele nos finais de semana. Mas faz um bom tempo que eu não sou mais essa garota. Em vez disso, acho que eu devia aceitar a chegada de uma “nova Phoebe”. Uma que seja bem-sucedida, livre e corajosa e que não fale de si mesma na terceira pessoa. Oliver me enviou uma mensagem de texto quando estava indo para casa depois do trabalho:

Amanhã à noite: eu, você, Jack Daniel’s e o The Human League.

Ou ele está tentando me animar ou deu um pé na namorada.

Sexta-feira, 7 de janeiro

Kelly, que trabalha na seção de saúde e beleza, é um ser estranho. Ninguém (a não ser Frank, eu acho) tem a menor ideia de quantos anos ela tem. Ela se veste como uma mulher de vinte e poucos anos, mas tem o rosto marcado de alguém duas vezes mais velha que passou os últimos vinte anos adormecida

numa cabine de bronzeamento. Ela pode ser difícil de conviver no trabalho, porque não se preocupa em esconder seu desprezo pelas outras pessoas, demonstrando seus sentimentos ao cuspir expressões de raiva, mau humor e grosseria passivo-agressiva. Esta manhã não foi diferente.

— Se você vai pegar minha caneta emprestado, Brian, eu gostaria que a colocasse de volta no lugar exato onde ela estava. Como posso anotar as informações, se você pegou a merda da minha caneta?

Kelly odeia Brian, e Brian sente o mesmo por ela. Ele trabalha no setor de recrutamento e, mesmo sendo bom no que faz, é um bostinha arrogante e tagarela, conhecido em todo o escritório por suas opiniões sexistas e pela paixão por mulheres peitudas. Aparentemente, nós nos damos bem, mas confesso que muito é porque tenho peitos grandes. Brian olhou para a caneta esferográfica em sua mão.

— Você poderia comprar outra caneta e ter uma extra. Tenho certeza de que essas lindinhas são vendidas em pacotes de dez.

— Não se trata disso. A questão é a seguinte: fique longe das minhas coisas e arranje uma caneta para você. Agora, me dá ela de volta.

— Você não está falando sério, está? — ele riu.

— É claro que estou. Me devolva a caneta.

Ele ficou parado, balançando a cabeça. Então, se levantou, enfiou a caneta dentro da narina esquerda e a deixou lá pendurada enquanto se aproximava da mesa de Kelly.

— Peço desculpas por ter me apropriado de sua importante caneta, Kelly. Vem. Pegue-a.

— Que criança mais detestável você é! — ela exclamou, e arancou a caneta do nariz dele de uma vez só e a jogou no chão.

Eu ainda estava rindo quando ela passou como um furacão pela minha mesa e entrou na sala de Frank. Dando de ombros,

Brian pegou a caneta e a colocou na mesa dela. Essas pessoas não são normais.

Oliver chegou um pouco depois das sete da noite com uma mala enorme e uma garrafa de bourbon.

— Se mudando para cá? — perguntei, fechando a porta atrás dele.

— Não, estou indo para Edimburgo a trabalho amanhã à tarde e não queria deixar isso no carro. Vou ficar no seu sofá esta noite. Pretendo encher a cara.

Ele me passou a garrafa e tirou o CD *Best of the 80s* da bolsa.

— Você serve, eu coloco isso para tocar. Se você não estiver dançando lá pela faixa seis, não dá mais para a gente ser amigo.

Lá pela faixa cinco (“Kids in America”), eu estava preparando a minha segunda dose e arrastando os pés no piso da cozinha com as minhas meias de dormir cor-de-rosa. No final do CD estávamos os dois muito bêbados e batendo altos papos.

— Você é como um irmão.

— Que merda é essa? Não diga isso! Isso é bizarro.

— Não, quero dizer que você é como da minha família. Você é mais do que apenas meu amigo.

— OK, mas irmão? Você não pode ficar a fim do seu irmão.

— O quê? Eu não estou a fim de você! Você acha que todo mundo é a fim de você.

— Acho isso porque é verdade. Eu sou incrível.

— Não, eu sou incrível. Você é apenas bonito.

— Você é incrível e também bonita, Senhorita Henderson.

— Sou? Você é a fim de mim?

— Não.

— Ah, vai se foder.

Por volta das 5 horas da manhã, fui para a cama deixando o incrível Oliver adormecido no sofá. Talvez eu seja um pouquinho a fim dele, mas jamais vou contar isso a ele.

Sábado, 8 de janeiro

Não levantei antes das quatro da tarde e Oliver já tinha ido para Edimburgo. Pensei em fazer algo produtivo, mas decidi que assistir *Dexter* e comer biscoitos seria uma maneira bem melhor de passar o dia. Agora são 11 horas da noite, estou acordada e cheia de tesão. Muito tesão. Excitação pós-resaca é brutal. Também ainda estou pensando no maldito idiota do Alex e em maneiras de como esquecê-lo de uma vez. Será que Oliver e Lucy têm razão? Não fiz sexo desde que terminamos e agora estou me transformando numa espécie de hormônio enfurecido que usa o Twitter para expressar seus desejos porque não tem ninguém com quem transar. Quando penso nisso, percebo que minha vida sexual sempre foi um pouco de tentativa e erro. As pessoas falam tanto de como o sexo é maravilhoso, e apesar de sempre ter gostado de sexo, é como assistir ao segundo *Matrix* — partes dele foram muito boas, mas não exatamente inesquecíveis. E nunca fiz sexo só para mim. Sempre foi para a outra pessoa. Talvez seja hora de começar a me preocupar comigo, para variar. Se eu focar em mim, não terei tempo de pensar naquele cretino, não é mesmo? Talvez a melhor maneira de superar essa história seja superar as minhas inibições. A Phoebe antiga, aquela que ama Alex, é tímida e submissa, além de sexualmente reprimida. Se eu me livrar dela, não sentirei nenhuma falta dele. É isso! É isso que vou fazer para mudar, é isso que vou fazer diferente este ano.

Esta vai ser minha única promessa: vou melhorar minha vida sexual! Existe um monte de coisas que eu sempre quis experimentar — vou assumir as rédeas da situação e descobrir se é tudo isso mesmo como dizem.